



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

INTERCULTURALIDADE: UMA EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

Isabela Vieira Barbosa

miss.vieira@gmail.com

FURB – Universidade Regional de Blumenau

Eixo temático: Educação, Cultura e relações Étnico-raciais

Resumo: O objetivo deste trabalho é traçar uma ligação entre a educação intercultural com o panorama sociocultural da nossa sociedade contemporânea. Definindo ligações entre as influências etnocêntricas que levaram a divisões sociais e que ainda abrigam ideias racistas e preconceitos, que vão à contramão da política intercultural para educação. Este artigo está dividido em Introdução, uma breve explanação sobre o panorama sociocultural brasileiro e sobre a proposta da interculturalidade. A partir desse estudo, concluímos que apesar de haver uma preocupação constante com as ainda existentes práticas racistas e preconceituosas na sociedade, pouco se avançou nesse assunto. Ademais, observou-se a necessidade da persistência em disseminar práticas que promovam a interculturalidade, pois apenas com o trabalho constante de conscientização é que talvez essa práxis intolerante possa ser superada.

Palavras-chave: Interculturalidade. Educação. Cultura. Diversidade.

1. Introdução

Sabemos que na nossa sociedade globalizada, a inclusão e aceitação das diversas camadas sociais e bagagens culturais não é feita de forma plural, que impostas pelas ideias etnocêntricas e o poder político-econômico conquistado ao longo dos tempos, reduziu a guetos diferentes classes e grupos sociais. Porém, nos últimos anos algumas práticas interculturais de educação têm tentado resgatá-las e integrá-las a todas as camadas sociais.

Nas Declarações Universais da UNESCO, a instituição aborda o assunto ao falar que é “direito de todos os grupos humanos à identidade cultural e ao desenvolvimento da sua própria vida cultural no contexto nacional e internacional” (UNESCO, 1978, p.4), mas na prática isso nem sempre tem



ocorrido. Diversos autores ao abordar esse tema, lembram que a questão sociocultural envolve multiplicidades de fatores que podem incluir o grupo social no qual a pessoa está inserida, as questões relacionadas à cultura e a religião, além da língua e da alimentação, bem como os preconceitos e até mesmo as suas expectativas (FLEURI, 2001) e que por isso, nem sempre ocorre essa integração das diferentes culturas de forma equilibrada.

Os projetos interculturais anseiam promover uma **associação** dessas diferentes culturas e camadas da sociedade. Buscando uma **integração** pela compreensão, respeito, educação moral, promovendo uma democracia pela paz, desenvolvendo uma cultura de tolerância, a solidariedade e a igualdade. Por meio de situações de "conflito" tentam abordar estratégias e conteúdos curriculares que possam eliminar essas atitudes presentes ainda na nossa cultura e desenvolver sujeitos críticos, com consciência social que combatam as diferentes formas de preconceitos, racismo e que possuam ainda valores éticos e morais.

2. Metodologia

Para este trabalho foi realizado um estudo bibliográfico, que a partir de uma apreciação sobre a interculturalidade, analisou-se o panorama sociocultural nacional, bem como algumas ideias que promovem uma proposta intercultural de educação, a fim de compreender como uma sociedade miscigenada como a brasileira ainda conserva ainda valores preconceituosos e racistas diante de uma inegável riqueza cultural.

3. A interculturalidade na educação



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Sabemos que na sociedade em que vivemos hoje, com sua pluralidade de culturas originárias de um povo miscigenado, além da globalização das informações e conhecimentos, tornam a diversidade de contextos socioculturais parte da nossa realidade. Apesar de essas diferenças existirem com certa naturalidade no convívio de todos, nós ainda esbarramos em teorias etnocêntricas, excludentes de minorias. Ao pensarmos na educação intercultural, nos deparamos com essas antigas barreiras e preconceitos que ao longo da história foram construídos e que ainda fazem parte da nossa realidade social.

Para interpretarmos essa realidade, é necessário compreendermos que a própria concepção de minoria não passa de uma construção social, conforme Mello (2002, p. 38) destaca que

entende-se por minoria um grupo de pessoas que forma uma comunidade étnica de menor prestígio e status em relação às demais pessoas que vivem em um determinado país ou comunidade.

Nem sempre sendo essa comunidade ou grupo o de maior número, mas muitas vezes considerado aqueles que possuem menor poder econômico ou de influência na dita sociedade.

Para avançarmos no assunto da Interculturalidade e suas origens, precisamos voltar um pouco e tentar entender os vieses socioculturais que construíram barreiras entre as diferentes culturas. “Temos que descer aos detalhes [...]”. Conforme cita Geertz (1989, p. 38), para que possamos de forma correta compreender “o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, [...]” (GEERTZ, 1989, p. 38) e ao **tentar** encontrar essa face da humanidade, procurar compreender como construíram conceitos que através da colonialidade sobpuseram culturas, rotulando-as como mais ou menos importantes.



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Dessa forma, ressaltamos que “nos ombros da modernidade está o peso e a responsabilidade da colonialidade” (MIGNOLO, 2003, p.38), da visão etnocêntrica na cultura europeia. Aqui vale lembrar que colonialidade não é colonialismo. Entendemos como colonialidade a ideia da dominação subjetiva, a “ocidentalização” dos povos latinos, africanos e asiáticos. Ou conforme destacam Oliveira e Candau (2010, p. 19) de forma mais específica

[...] a um discurso que se insere no mundo do colonizado, porém também se reproduz no lócus do colonizador. Nesse sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário.

Destacamos que até hoje “Quem tem força nessa política impõe ao mundo suas representações, o universo simbólico de sua cultura particular” (COSTA, 1998, p.38).

Muitas vezes, essas representações da cultura estrangeira eram vistas de forma multicultural, onde havia contato com a cultura estrangeira, o idioma e suas diversas formas de representação, mas sem a vivência e o contato pessoal com o sujeito. Entre tanto, Paulo Freire (1983, p.79) já destacava que “os seres humanos se educam em relação, mediatizados pelo mundo” e dessa forma a Educação Intercultural trouxe uma proposta de relação sujeito-sujeito, de suas culturas mediadas pelos próprios sujeitos, e não sujeitos como objetos de suas culturas. Freire ainda fala que esse contato sujeito-sujeito é necessário

Para que façam realmente educação e não domesticação. Exatamente porque, sendo o diálogo uma relação “eu-tu”, é necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converta o “tu” desta relação em mero objeto, ter-se-á pervertido o diálogo e já não se estará educando, mas deformando. (FREIRE, 1983, p. 78-79)



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Dentro dessa perspectiva, a interculturalidade irá surgir “no contexto das lutas contra os processos crescentes de exclusão social”. (FLEURI, 2001, p.113). Destacando ainda, que “surgem movimentos sociais que reconhecem o sentido e a identidade cultural de cada grupo social. Mas, ao mesmo tempo, valorizam o potencial educativo dos conflitos” (idem). Criando uma configuração conceitual que propõe um giro epistêmico, capaz de produzir novos conhecimentos e outra compreensão simbólica do mundo. Tudo isso, sem perder de vista a colonialidade do poder, do saber e do ser. Grosfoguel (2007 *apud* OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 35) destaca que a “epistemologia eurocêntrica ocidental dominante não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico” e que esse pensamento ideológico promovido na cultura ocidental, se mantém ainda na modernidade. Mignolo (2005, p. 75) destaca que “a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada”. Explica ainda que “modernidade e colonialidade são as duas facetas da mesma moeda.” (MIGNOLO, 2005, p. 75).

É necessário que os novos projetos de Educação visem a interculturalidade como forma de integração das diferentes culturas, não para apagar ou substituir nenhuma cultura, mas que deve integrar, e reforçar conforme citam os Parâmetros Curriculares Nacionais, “que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira”. (BRASIL, 2004, p. 8). Por isso, o principal desafio da educação intercultural deve ser promover uma educação de qualidade para todos. Que proponha diferentes estratégias que promovam o desenvolvimento e a construção das identidades particulares dos sujeitos, mas que reconheçam as diferenças, mas que, ao mesmo tempo, possam



estabelecer uma relação crítica e solidária com os diferentes grupos, aprendendo a respeitar-se mutuamente e a conviver pacificamente. (FLEURI, 2001)

4. Considerações finais

O desafio da Educação Intercultural está no fato de ser um processo entre sujeito-sujeito. É necessário que se desenvolva uma relação que possibilite “um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condição de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade” (WALSH, 2001, p. 10), que proporcione ainda uma troca, ou um intercâmbio que possa ser construído entre essas diferentes pessoas e seus

conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença, um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. (WALSH, 2001, p. 10-11)

A autora ainda destaca que essa é

uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e consciências e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. E uma meta a alcançar [...] (WALSH, 2001, p. 11)

Somente através da relação entre os diferentes sujeitos e o respeito mútuo às suas culturas e histórias, é que as visões etnocêntricas de superioridade de credos, classes sociais e raças poderão ficar para trás. O trabalho diário de compreensão e de aprendizagem cooperativa, do desenvolvimento crítico e da formação do ser cidadão, tanto professor como aluno nessa realidade intercultural, nos deixa para reflexão as possibilidades



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

de pedagógicas ao nosso alcance. Onde a escola como meio social **possa** vir a ser multiplicadora de uma cultura organizacional intercultural que venha promover discussões democráticas e soluções de conflito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e Política Cultural. In: . (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FLEURI, Renato Matias. **Intercultura e Movimentos Sociais**. Florianópolis: Mover/nup, 1998.

_____. Desafios a educação intercultural no Brasil. **Educação, Sociedade e Cultura**, Porto, Portugal, n. 16, p.45-62, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MELLO, Heloisa Augusta Brito de. **O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês**: Eventos de ensino aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola bilíngue. Tese de doutorado – UNICAMP – Campinas/SP, 2002.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

_____. **Histórias Globais/projetos Locais.** Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p.15-40, 2010. Mensal.

UNESCO. **Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais.** Paris, 1978.

WALSH, Catherine. **La educación intercultural en la educación.** Peru: Ministerio de Educación, 2001.